

«Quando se dissipa
o património com
loucuras, procura-
-se restaura-lo
com culpas»
FÁCITE

ANO VII — N.º 190

OUTUBRO

4

1 9 5 9



QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIAO
Tel. 154 — R. Tenente Valadim, 30 — FARO

DIRECTOR
Jaime Guerreiro Rua

EDITOR E PROPRIETARIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRAFICA LOULETANA
Tel. 216 — R. da Carreira, 42-44 — LOULÉ



PRO-MONUMENTO DR. BERNARDO LOPES

O antigo Presidente do Município Louletano

SR. DR. MAURÍCIO MONTEIRO

grande amigo do saudoso Benemérito Dr. Bernardo Lopes

Depõe para «A VOZ DE LOULÉ»

(Do nosso redactor em Lisboa: Luís Sebastião Peres)

«Como admirador, como reconheço que sou e amigo que fui do grande Médico e Homem de Bem Dr. Bernardo Lopes, como louletano adoptivo que me considero, associo-me e dou o meu inteiro aplauso às sugestões e alvites do meu querido amigo Dr. Humberto Pacheco, fazendo votos para que, sem mais delongas, sejam postas em prática, para HONRA E BEM DA BRLHANTES TRADIÇÕES DE BAIRRISMO, DE QUE OS LOULETANOS TANTO SE ORGULHAM».

No propósito de trazer para as colunas do nosso jornal alguns depoimentos de figuras ligadas à ideia da construção do monumento ao distinto clínico Dr. Bernardo Lopes, coube hoje a vez ao louletano adoptivo e ex-presidente da Comissão Organizadora, sr. Dr. Maurício Monteiro.

Por sabermos que o nosso illustre entrevistado quando Presiden-

te da Câmara Municipal da notável e honrada Vila de Loulé, tinha sido uma das primeiras pessoas a manifestar-se pró-monumento ao Dr. Bernardo Lopes, assumindo, desde logo, a presidência da Comissão Organizadora, procurámos-lo na «Casa do Algarve» onde, depois de expostos os nossos designios, logo se dispôs a dar o seu depoimento para a «A Voz de Loulé», jornal que ele muito aprecia e lê desde o seu primeiro número.

Ouvimo-lo, pois.

— «Permita-me que, em tom

(Continuação na 3.ª página)

Vida Corporativa da Nação

A Jornada de Coimbra!

«Os homens passam; mas as instituições, quando se adaptam à vida e a servem, permanecem. Neste espírito, somos pelas instituições que nos diversos planos da vida do País enquadram os agrupamentos naturais e dão expressão às suas aspirações. Só através delas poderá ter continuidade o ressurgimento pátrio. Por isso mesmo haremos de levar por diante a Revolução Corporativa».

Estamos aqui para proclamar esta vontade e para dar testemunho da Fé que nos acalenta. Daí, precisamente, o alto significado político do nosso encontro de hoje».

(Do notável discurso proferido em Coimbra pelo sr. Dr. Veiga de Macedo)

As comemorações do 26.º aniversário do «ESTATUTO DO TRABALHO NACIONAL», e do 2.º da instituição das primeiras Corporações, acto a que se dignou presidir o sr. Dr. Veiga de Macedo, na cidade de Coimbra, decorreram com o maior brilhantismo e ardente fé nos destinos do Corporativismo Português.

Brilhante jornada aquela, que teve a presença de cerca de dois mil dirigentes e representantes corporativos e o desfile de mil bandeiras e estandartes dos organismos corporativos do País.

Num País que durante muito tempo se alheou das actividades e progressos do Mundo, mereceu o Diploma de 23 de Setembro de 1933, encontramo-nos, hoje, em plena ascensão para a vitória da «Batalha do Futuro», como preconizava, em 1935, o primeiro Subsecretário das Corporações, Dr. Pedro Teotónio Pereira, illustre Ministro da Presidência.

Depois da Caparica, do Porto

Comércio de Figo

A Federação dos Grémios da Lavoura do Algarve chama a atenção dos produtores de figo da Província para o seguinte:

A produção de figo industrial do País está, na sua totalidade, requisitada por lei para o fabrico de álcool e, por despacho ministerial, foi o preço fixado em 55\$00 por peca de figo e em 3\$79,5 por litro de aguardente, posta a mercadoria, em ambos os casos, nas fábricas.

A distribuição é feita pela Junta Nacional do Vinho, com base nos manifestos feitos até 15 de Outubro, pelo que os produtores que possuam figo naquela data devem fazer o seu manifesto, a fim de assegurarem a sua entrada na referida distribuição e ao preço citado.

As entregas serão feitas nas distilarias do Algarve, instaladas em quase todos os concelhos da Província que, no ano findo, em Algô, Albufeira, Faro, Loulé e Tavira destilaram grandes

quantidades de figo. Se, porém, nenhuma oficina trabalhasse, nem por isso o transporte seria para fora do Algarve, visto que a Fábrica de Alcool do Algô, que tem capacidade para o fazer, nos informa de que receberá toda a produção ao preço oficial de 55\$00, pagando-o imediatamente, contra a entrega da mercadoria.

A mesma fábrica já informou os Grémios da Lavoura de que se propõe, se assim se tornar necessário, instalar postos de recepção nas zonas mais afastadas e a participar, até, nas despesas de transporte com uma contribuição directa.

Não parece, pois, razoável, que o comércio da especialidade esteja a oferecer pelo figo «miúdo» ou «branco» que, pela escolha que o lavrador tradicionalmente pratica, engloba não só o figo industrial propriamente dito como também o figo comestível, restando, que o comércio aproveite para pasta e de valor superior ao daquele, preços inferiores aos fixados pelo Governo para o industrial.

Por isso a Federação aconselha os produtores a resistir ao movimento de baixa de preços que o comércio desenvolve, pois, nos termos expostos, está garantida a colocação de toda a colheita ao preço de 55\$00, com o único encargo, quanto muito, do transporte para o Algô.

Faro, 27/9/59

A Direcção

CONSUMO DA ALFARROBA

No desejo de depôr no inquérito levantado pela «Casa do Algarve» acerca do resultado que o lavrador tem colhido no tratamento do gado caseiro pelo uso da alfarroba, posso asseverar, pelo conhecimento directo que tenho do facto, que o emprego da alfarroba, tanto nos solípedes como nas espécies ruminantes, é de óptimo resultado.

Como lavrador, sempre tenho usado este produto nas rações dum jumento e dum muar que posso, e como não tenho máquina de trituração, emprego-o tal qual sai da árvore, decorrido, é claro, aquele período necessário para a secagem total, o que geralmente sucede a partir de Outubro. Se, porventura, acontecesse acabarem-se as alfarrobas velhas sem que as da nova colheita estejam devidamente secas, tenho duas formas de remediar o incidente: ou passo pelo forno umas arrobas de alfarroba «mulata», a fim de lhes diminuir o tanino e desidratá-las, em parte, ou recorro à chamada alfarroba «galhosa», mais rica em açúcar do que a outra, porém menos taninosa. De qualquer forma, o resultado é sempre vantajoso, pois com a alfarroba obtenho, peso por peso, um alimento muito mais barato do que obteria com a cevada, aveia, milho ou fava, dado que um quilo de alfarroba tem o mesmo valor forrageiro que tem a cevada segundo a

opinião do que foi tão distinto professor da Escola de Veterinária, Dr. Paulo Nogueira. Num estudo que publicou, baseado em análises do sábio prof. Pereira Coutinho, atribuiu à cevada 9,4 de gorduras e 2,1 de hidratos de carbónio; na alfarroba mencionava, para iguais quantidades em peso, 14,3 de gorduras e 4,71 de hidratos, o que juntamente a outros elementos fornecia unidades alimentícias de igual valor nutritivo. Estes dados interessam especialmente ao poder alimentício do produto, deixando em aberto a interrogação que porventura se possa fazer quanto à função mecânica da digestão, que pode ser normal ou acidentada. E ainda o Dr. Paulo Nogueira quem nos elucida neste caso: «a alfarroba bem seca e sem estar bichosa — dizia o illustre mestre — pode ser ministrada sem receio a todas as espécies».

Como disse, emprego sempre a alfarroba inteira no tratamento do gado, sem que até agora me haja apercebido de qualquer inconveniente de ordem fisiológica, quer ocorrido em gado próprio, quer no da vizinhança. Há, porém, quem prefira usá-la triturada, em alimentação estreme ou misturada com outros produtos. Aparte uma pequena redu-

(Continuação na 3.ª página)

A COMISSÃO

Pró-Monumento ao Dr. Lopes retomou a actividade

Podemos informar os nossos leitores que, sob a presidência do sr. Dr. Manuel Gonçalves, reuniu na passada 6.ª-feira a Comissão Pró-Monumento ao Dr. Bernardo Lopes e deliberou solicitar a todas as pessoas que se hajam subscrito com qualquer importância que a entreguem com a maior urgência, porque só depois da recolha integral poderá assentar-se na envergadura e localização do monumento e encarregar escultor e arquitecto dos respectivos projectos.

Mais informamos que um louletano residente em Lisboa e que pretende conservar, por ora, o seu anonimato, se prontificou a oferecer o projecto do pedestal e a respectiva execução, desde que se limite a determinados moldes e que a illustre artista nossa conterrânea, D. Maria Campina se propõe vir dar a Loulé, em Dezembro próximo, um recital, cujo produto revertirá para a subscrição em curso.

Concurso de Filarmónicas

Estão a aproximar-se as datas previstas para as primeiras provas eliminatórias do Grande Concurso de Filarmónicas e Bandas de Música Cívica, organizado pela F. N. A. T..

Essas provas deverão efectuar-

(Continuação na 4.ª página)

Cartas ao Director

É entretanto Loulé não progride...

Ex.ª Sr. Director

Visitei há dias em Faro as novas zonas de construção por onde a capital do Algarve tão prodigamente se tem expandido. Fiquei satisfeito e admirado como uma terra de província tem aumentado tanto em tão poucos anos. Isso deve encher de regozijo qualquer algarvio que ama a sua terra e se alegra por tudo o que nela seja sintoma de progresso. Eu pertencio a esse número, mas como louletano senti uma pontinha de ciúme e sinto que o não posso esconder no meu íntimo, sem antes dizer aos meus conterrâneos, através do jornal que V. Ex.ª dignamente dirige, que é verdadeiramente lamentável que muitos daqueles prédios não tivessem sido construídos em Loulé como seria desejo dum grande maioria dos seus proprietários.

E creio poder fazer esta afir-

mação porque pessoas entendidas calculam que estejam empregados em construções em Faro cerca de 10 mil contos de pessoas de Loulé e suas freguesias que desejando empregar o seu capital (muitas vezes ganho no estrangeiro) mandam construir prédios em Faro por não encontrarem em Loulé quem lhes queira vender (é preferível que cresça o milho...) ou muito simplesmente porque o «malfadado Plano de Urbanização» ainda não foi aprovado, apesar dos estudos e projectos terem sido iniciados há mais de 10 anos. E ainda dizem que estamos na Era da Velocidade!.

Francamente, sr. Director, não está certo que se consita no atraso de uma terra em, pelo menos 20 anos, esperando a conclusão de um plano que possivelmente estará desactualizado quando tiver a aprovação superior.

(Continuação na 3.ª página)

(Continuação na 3.ª página)

QUARTEIRA AMIGA

Venho prestar a minha homenagem a esta alegre terra. Ao receber o convite para lhe prestar os meus modestos serviços, uma voz estranha segredou-me ao ouvido: vem, vem passar junto de mim algum tempo. Quero abraçar-te, quero que sintas fortemente o meu carinho. Tenho apreciado o teu calor ardente de algarvio, a tua fé por mim e pelas minhas irmãs. Quero conhecer-te, saber como tu és, mostrar-te também abertamente como sou.

Assim me falaste Quarteira amiga, e, como vês, corri veloz à tua chamada. Recebido fui como jamais pensara, por isso, aqui estou a agradecer-te, porque tu acolhes com uma gentileza invulgar. És a primeira terra algarvia que solicitou a minha presença para abseguar-me com o seu convívio. Terei eu deixado-te favoravelmente impressionada? Demostrei-te pelo menos de viva voz, o entusiasmo que sempre

(Continuação na 2.ª página)

MÚSICA NA AVENIDA

Na noite de 23 p. p. efectuou-se no coreto da Avenida José da Costa Mealha mais um excelente concerto promovido pela Filarmónica Artistas de Minerva, que foi muito aplaudido pela forma como se apresentou a executar o seu programa, pondo mais uma vez em evidência a dedicação e proficiência do respectivo regente sr. maestro Virgílio Viegas.

Na noite de 29 coube à Filarmónica União Marçal Pacheco levar a efeito mais um concerto no coreto, sob a hábil direcção do respectivo regente sr. Mariano Guerreiro Domingues, o que atraiu à Avenida elevado número de pessoas que escutaram o con-

(Continuação na 2.ª página)

QUARTEIRA e as suas prementes necessidades

Por Arnaldo Martins de Brito

Quarteira, a linda praia algarvia que muito admiro, é terra de pescadores, e, a gente marítima tem um lugar especial na minha sensibilidade. Valorosa e destemida humanidade, enriquece povoações, províncias e países, vivendo do tradicionalismo do seu mar.

Modesta mas aprazível, Quarteira é merecedora de melhor urbanidade. Não se culpe só a Junta de Turismo; não lhe atribua mais faltas que não dependem exclusivamente dela. A Junta de Turismo é mandada pelos poderes superiores, por isso os apelos e as demonstrações têm de ser dirigidos aos indivíduos cuja categoria está acima dos seus dirigentes.

A força dum Junta de Turismo tem de ser combinada com a do Município a que pertence; numa união de estudos, de boas vontades, dum perfeita associação de ideias, de modo a que o resulta-

das construções sejam obtidos de comum acordo e com interesse geral. Cada um a puxar para o seu lado, a atrair a si uma força, a exercer uma tracção sem contar com a força do outro, raramente consegue vingar.

Se chegarmos a ver resolvidos os problemas da electricidade, do calcetamento das ruas, do sonhador do Casino, do Hotel e do Parque de Campismo, Quarteira virá a ser um caso sério e muito falado no turismo algarvio. Transformaria o concelho de Loulé num centro turístico de primeira ordem. Eu não tenho qualquer dúvida a

(Continuação na 2.ª página)

TOMOU POSSE

a nova Comissão Concelhia da U. N.

No dia 25 de mês passado, no Gabinete do Senhor Governador Civil, tomou posse a nova Comissão administrativa da União Nacional do Concelho de Loulé, composta pelos senhores: Dr. Angelo Delgado Guerreiro, Presidente; José João Ascensão Pablos, Vice-Presidente e Vogais: Dr. Manuel Mendes Gonçalves, Dr. José Viegas Barreiros, Eduardo Delgado Pinto e Francisco José Ramos e Barros Júnior.

Sua Ex.ª o Sr. Governador Civil dignou-se assistir ao acto.

CONCURSO DE QUADRAS POPULARES em homenagem a António Aleixo

Em homenagem ao Poeta António Aleixo, realizou-se no passado dia 22 de Setembro, na Praia de Quarteira, um Concurso de Quadras Populares, sobre Usos, Costumes e Tradições algarvias.

O Júri foi constituído pelos srs. Capitão Fausto Laginha Ramos, Casimiro de Brito e Arnaldo Martins de Brito e a locução esteve a cargo do sr. Armando Filhó.

De entre as composições apresentadas a Concurso (mais de 300) o Júri resolveu premiar as seguintes:

1.º Prémio, ao sr. José Marques Correia, de Lisboa, pela quadra:

Quantas vezes um parzinho, que baila ao som do harmónio, começa no corridinho... e acaba no matrimónio!...

(pseudónimo: SABICHÃO)

2.º Prémio, à sr.ª D. Lúcia Correia Serras Pereira, de Algés, pela composição:

Fui pra Monchique em muletas vim de lá deitei-as fora; das muletas dos teus braços é que eu precisava agora...

(pseudónimo: BRINCADEIRA)

3.º Prémio, ao sr. Manuel Figueiredo Arvela, de Faro, pela seguinte quadra:

Encandelam mais que o Sol os olhos da Algarvia. Por olhar os olhos duma já nem vejo a luz do dia.

(pseudónimo: ALADINO)

O Júri atribui ainda as seguintes menções honrosas: 1.ª ao sr. Dr. Elviro Rocha Gomes (psd).

(Continuação na 3.ª página)

SENSACIONAL!

Para assinalar o início da nova época escolar,

A PAPELARIA LOULETANA

DE MANUEL DE SOUSA LOPES — Largo Gago Coutinho

concede descontos verdadeiramente excepcionais durante a PRIMEIRA QUINZENA DE OUTUBRO, a todos os estudantes, seus familiares e professores. PORQUE dispõe de um enorme sortido de material escolar para os diversos ramos do ensino Primário, Comercial, Industrial e Liceal, possibilitando fácil escolha aos interessados.

SE precisa para si ou pretende fazer uma útil oferta a seu filho, escolha uma CANETA ERO. A que melhor lhe serve: pela modicidade do seu preço; pela fina apresentação; pela sua resistência; pela facilidade de troca de qualquer peça.

ERO é, sem dúvida, a caneta ideal porque está ao alcance de todos, sem que exija os cuidados de uma caneta cara, cuja perda representa apreciável prejuízo. Se apesar de todas estas vantagens o comprador não ficar satisfeito, pode trocar por outra que considere mais bonita ou escreva melhor, sem quaisquer encargos.

SE está interessado em comprar livros de estudo ou quaisquer outros, procure na PAPELARIA LOULETANA.

Aos srs. Professores fazemos o desconto especial de 20%.

GRANDE sortido em Artigos de Plástico para os mais diversos fins

PAPELARIA LOULETANA (de MANUEL DE SOUSA LOPES)

A CASA DOS MIL E UM ARTIGOS!!!

SE deseja comprar pastas escolares ou de escritório, prefira a PAPELARIA LOULETANA.

SE está interessado em comprar sacos para os mais diversos fins, nos mais interessantes modelos, cores e qualidades, prefira a PAPELARIA LOULETANA.

SE precisa de sapatos para ginástica ou para usar por casa, escolha na PAPELARIA LOULETANA.

SE necessita comprar artigos para desporto vá à PAPELARIA LOULETANA.

SE necessita de artigos de beleza, encontrará muito que escolher na PAPELARIA LOULETANA.

Facilidades de pagamento pela modalidade de c/ corrente ou pagamento mensal



QUARTEIRA

e as suas necessidades

(Continuação da 1.ª página)

este respeito; tente-se a experiência e ver-se-á o resultado prático. Mas, não esperem novamente o próximo verão para discutirem estas questões importantes.

Proeminentes senhores de Loulé e de Quarteira olhai com mais carinho para a vossa praia, não a abandonéis, porque ela poderá figurar — se vós o quizerdes — no calendário turístico português como uma das melhores praias do País. Reparei para a tendência do forasteiro nacional e estrangeiro; ela vos está dando uma prova evidente do caminho a seguir. E, com franqueza, se Quarteira é hoje pelo seu labor, um dos maiores contribuintes para os cofres do concelho de Loulé, tem, portanto, o direito de exigir uma retribuição a essa participação essencial, compensação aliás que só redundaria num aumento de rendimentos em benefício total do mesmo concelho, desde que seja tomada em linha de conta a fertilidade do campo turístico.

Outrora receava-se frequentar Quarteira por causa das estagnações das águas, provocadoras de febres. A então Comissão de Turismo, aproximadamente entre os anos de 1934/35, promoveu a criação dos serviços anti-sazonáticos, e descansou-se em absoluto sobre este importante flagelo. Mas, e a rede de esgotos que não existe? Não representará também um tormento, uma fonte de epidemias? Quando resolverão as entidades competentes este assunto de capital importância para a saúde pública? Onde se encontra a causa?

Os serviços anti-sazonáticos foram criados por uma Comissão de Turismo. Ora se o defeito está na dificuldade da Junta de Turismo, porque não se cria quanto antes a Comissão Municipal de Turismo? Poderá ser que a «questão esgotos» encontre, então, uma solução idêntica à dos serviços anti-sazonáticos.

Eu estou convencido que um dos principais motivos que mais concorrem para o atraso da Praia de Quarteira, é exactamente provocado pelo desdém que lhe votam uma grande parte dos mais categorizados filhos do concelho. Desprezam-na, trocam-na por outras praias que lhe estão menos ligadas espiritualmente. Uma grande maioria dos louletanos de certa categoria social, não sente o verdadeiro amor pela sua praia. Eis, para mim, um dos grandes prejuízos de Quarteira. Mas, resta-nos, pelo menos, a consolação de a vermos preferida por alguns ilustres médicos, advogados, engenheiros, militares de alta patente, professores catedráticos, turistas nacionais e estrangeiros de classe, significando bem expressivo e sintoma verdadeiro, das possibilidades futuras da nossa tão interessante orla marítima.

Os louletanos e os quarteirenses devem encarar com preceito a sua praia, estabelecendo regras e ordem, de maneira a que ela se torne digna das tradições dum povo que semeou a civilização nos quatro cantos do Mundo.

Arnaldo Martins de Brito

Tribunal Judicial

- DA -

Comarca de Loulé

ANÚNCIO

Por este se faz público que foi distribuída na Secretaria Judicial desta comarca, acção contra **Francisco José Nunes Sequeira**, proprietário, residente na freguesia de Alte e actualmente prestando serviço militar como soldado n.º 117/59 — casa da reclusão da G. M. L. da Trafaria — comarca de Almada, para o efeito de ser decretada a sua interdição por prodigalidade.

Loulé, 1 de Outubro de 1959.

O Chefe da 2.ª Secção

Francisco Dias Bragança

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Marino Barbosa Vicente Júnior

ARRENDAM-SE

3 montes com terras de semear, sendo 2 com cisterna, no sítio dos Gorgos de Santa Luzia-Loulé.

Tratar com Manuel Francisco de Sousa Barros (Manuel Moleiro) - Gorgos de Santa Luzia-Loulé.

Trespasa-se

Por motivo de retirada trespasa-se o Restaurante CONDE (junto ao Mercado).

Tratar com os proprietários

Emilio Campos Coroa

MEDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DOS OLHOS

CONSULTAS EM LOULÉ,

NO CONSULTÓRIO DO DR. JORGE DE ABREU

às 2.ª e 5.ª feiras, a partir das 13,30 horas.



Participações

de nascimento

em modernos e interessantes modelos, executam-se na Gráfica Louletana.

NÃO COMPRE

Motores Eléctricos, Diesel e a Petróleo

sem primeiro visitar o

STAND

de José de Sousa Pedro

Rua 5 de Outubro, 29 a 33

LOULÉ

Carrinho de bebé

VENDE-SE muito barato. Nesta redacção se informa

Transportes de Carga Louletana, L. da



Largo Tenente Cabeçadas — Telef. 30 e 17

LOULÉ

AGÊNCIA EM LISBOA

Rua de S. Mamede, 24-D (ao Caldas)

Telefone 22437

Agência em Olhão:

Avenida 5 de Outubro, 22-A

Telefone 193

MÚSICA NA AVENIDA

(Continuação da 1.ª página)

certo com muito agrado e o aplaudiram com simpatia. O programa foi o seguinte:

1.ª PARTE

Floripes — Marcha — S. Ribeiro;

Trieste—Ouverture — De Pietro Deiro;

Uma Noche en Granada — Poema lírico — De E. Cebrian Ruiz.

3.ª Miscelânea Musical — De Moraes Franco.

2.ª PARTE

Amores perdidos — Opereta — N. N.

El sitio de Zaragoza — Fantasia militar — De C. Ondrid.

Certamen Musical — P. S. — De Ricardo Dorado.

A marcha final foi executada com carrilhões, pela 1.ª vez tocados em Loulé.

Regosijamo-nos por que tenha sido numerosa a assistência a estes concertos, pois isso prova o ambiente de simpatia que rodeia as nossas bandas, que continuam sendo, incontestavelmente, 2 elementos valorizantes da nossa terra, ambas contribuindo para o seu prestígio.

Formulamos votos por que esse interesse agora suscitado aumente de forma a que as nossas bandas se sintam acarinhadas pela população, o que será duplamente benéfico para Loulé.

VENDE-SE

Terreno e moradia com 12 divisões, metade ou tudo, bem situado na estrada que segue de Benafim para Quinta do Freixo. Sarnadas, Zambujal e S. Barnabé; terreno com abundância para fazer sementeiras, à ração ou de renda, e também água para regadio, no Morgado da Senhora D. Antónia—Quinta do Freixo—Alte (Loulé). Quem pretender, dirija-se a José Graça—Quinta do Freixo—ALTE (Loulé).

SUBAGENTES

Precisam-se para venda de rádios, máquinas de costura, artigos domésticos, etc.. Carta a este jornal ao n.º 25.

QUARTEIRA AMIGA

(Continuação da 1.ª página)

senti pelo Algarve. Tu não ignoras, tu sabes que por onde tenho passado, seja terra portuguesa ou estrangeira, o Algarve foi sempre colocado no mais alto pedestal; e, em todas as festas foi na verdade o mais valioso número do programa.

As suas praias, os seus campos, o Céu, o Mar, a Serra, foram em todo o tempo cantados com a maior elevação. Sinto-me portanto feliz pelo pedido que me fizeste, porque ele significa a consciência íntima dum gratidão sensibilizadora. Não era merecedor de tão elevada consideração, mas, porque senti expontaneos, generosos, despidos de vaidades os teus procedimentos, aceitei de bom grado.

Viverás pois no meu coração agradecido; terás em mim um admirador sincero, dedicado; amar-te-ei como se em ti tivesse nascido. Mas, tu és Algarve e o Algarve é o meu berço; tu és, não te esqueças Quarteira amiga, uma das paredes desse meu berço.

Arnaldo Martins de Brito



O PNEU que mais barato lhe sai por Km.

Agente em LOULÉ

Manuel de Sousa Pedro

Largo Dr. Bernardo Lopes

LIVROS NOVOS

A Gata

de Colette (*)

A regularidade com que têm vindo a ser publicadas obras desta extraordinária escritora francesa, mostra que o nosso público soube reconhecer o que nela há de verdadeiramente genial. É consolador verificar-se que o leitor português tem já o gosto suficientemente apurado para ir além da aparente superficialidade dos temas de Colette e encontrar neles o alimento requintado da sua sensibilidade. Colette é hoje considerada entre nós, como o é em todo o mundo culto, uma das maiores escritoras do século.

Este novo romance — A GATA — aparece uma das constantes de toda a obra de Colette: O seu amor pelos animais. Com razão se tem dito que há na sensualidade da admirável escritora qualquer coisa de animal e que uma fraternidade secreta a liga ao mundo da sensação pura, que é o mundo dos animais. Realmente, pode-se dizer que o seu génio é todo instintivo, ainda que a sua arte seja o produto de um labor consciente e aplicado.

A figura central deste romance é uma gata — Saha, de seu nome e Colette achou, para retratar, imagens e inflexões inteiramente novas. Com uma mestria única, cria como que a presença física do felino, quase torna tangível o seu corpo flexuoso e macio.

Mas a história é também a análise de um sentimento muito humano: o ciúme. Simplesmente, aqui, o terceiro vértice do triângulo clássico é um animal — Saha. Tornar plausível este conflito, interessar nele o leitor — eis um desafio que só uma escritora como Colette podia aceitar. Neste aspecto, como em outros, A GATA é uma obra de excepcional virtuosismo.

Correcta tradução de João B. Viegas.

(*) Editorial Estudos Cor

União de Camionagem de Carga, Limitada

LOULÉ

Transportes de Carga para todo o País

Rua Padre António Vieira

Telefones 22 e 140

LOULÉ

Delegação em LISBOA

Rua dos Douradores, 12 e 14 Telef. 368788

PRO-MONUMENTO DR. BERNARDO LOPES

(Continuação da 1.ª página)

de desabafo, comece por dizer-lhe que não sou louletano. Sou algarvio. Nasci em São Bartolomeu de Messines, freguesia limítrofe do concelho de Loulé. Mas vivi 34 anos nesta simpática Vila, e de tal forma me integrei nas reivindicações e nas típicas, por vezes eufóricas manifestações deste povo baírrista, que insensivelmente se estruturou no meu substratum anímico o amor por esta terra. Só tomei conta deste sentimento quando dela me ausentei. E então verifiquei que Loulé tinha um lugar no meu coração. E concluí também que a certidão de nascimento não é elemento fundamental para se averiguar do grau de afecto à terra em que se nasce.

— Prosseguido, diz: «Justificado assim o meu carinho por aquilo que interessa aos louletanos, aqui estou presente para, num relato sucinto, dar conhecimento da minha acção no projectado monumento ao Dr. José Bernardo Lopes.

«Quando tive a honra de gerir o Município da Notável e Honrada Vila de Loulé, fui um dia dolorosamente surpreendido pela notícia da morte do Dr. José Bernardo Lopes. Imediatamente fiz reunir a vereação propondo que aquele distinto clínico e grande Homem de Bem lhe fossem prestadas pelo Município as honras a que tinha direito. E o seu corpo esteve exposto no Salão Nobre da Câmara, tendo o seu funeral apresentado uma das maiores manifestações de mágoa dos últimos tempos em Loulé.

Continuando, o sr. Dr. Maurício Monteiro, diz-nos ainda:

«Mais tarde, por iniciativa de «A Voz de Loulé», creou-se uma Comissão destinada a angariar fundos para a construção de um monumento em homenagem àquele grande clínico. Porque exercia as funções de Presidente da Câmara, fui-me dada a honra da sua presidência. Por proposta minha na vereação entrou a Câmara com uma verba para o monumento, pondo à disposição o bronze que havia sobrado do medalhão do monumento ao ilustre louletano, engenheiro Duarte Pacheco. Eu próprio abri a subscrição particular com uma verba. Nomeado Conservador do Registo Civil em Lisboa para aqui transferi a minha residência e consequentemente julguei-me dispensado da presidência da Comissão, cujas funções foram transmitidas ao vice-presidente da mesma. Verificando, mais tarde, que a iniciativa pró-monumento Dr. José Bernardo Lopes se encontrava em ponto morto, apesar dos fogosos artigos baírristas do dedicado louletano sr. Augusto Boliqueime, escrevi ao sr. Dr. Manuel

Gonçalves, distinto vice-presidente da Comissão, solicitando-lhe a sua valiosa intervenção para que não naufragasse a ideia do monumento; tendo também manifestado esse meu desejo no jornal «A Voz de Loulé».

O ilustre Director deste jornal e distinto louletano, sr. Dr. Jaime Guerreiro Rua focou recentemente, com o devido brilhantismo, as causas da inércia e apatia louletana, apelando para aquele velho amor à terra natal, que tanto a tem destacado, marcando-lhe um lugar de honra, de inconfundível baírrismo em todo o País.

Vejo agora com prazer o meu querido amigo sr. Dr. Humberto Pacheco vir à liga, com o amor à terra em que nasceu, fazer vibrar o seu clarim de dilecto louletano, convidando os seus patrióticos a cumprirem o seu dever. Apresenta este ilustre filho de Loulé sugestões e alvites que se me afiguram inteiramente justas e práticas.

«Como admirador, como reconhecido que sou e amigo que fui do grande Médico e Homem de Bem Dr. Bernardo Lopes, como louletano adoptivo que me considero, associo-me e dou o meu inteiro aplauso às sugestões e alvites do meu querido Amigo Dr. Humberto Pacheco, fazendo votos para que, sem mais delongas, sejam postas em prática, para honra e brio das brilhantes tradições de baírrismo, de que os louletanos tanto se orgulham».

Estava terminada a missão do jornalista com a anotação do valioso depoimento de um dos pioneiros pró-monumento Dr. Bernardo Lopes que, apesar da distância que o separa do convívio do povo e amigos seus, de Loulé, pois com eles conviveu os seus bons 34 anos, o sr. Dr. Maurício Monteiro não deixa de estar atento à marcha da Campanha Pró-Monumento.

Nada mais temos a acrescentar, pois que, as suas palavras traduzem de maneira inequívoca, o quanto lhe vai na alma, o estado do mórdo e silencioso em que a Campanha se encontra.

Juntamos aos seus, os nossos votos para que em 1960 o Monumento ao Benemérito e Distinto Clínico Dr. Bernardo Lopes seja um facto, procedendo-se à sua inauguração, no dia do 4.º Aniversário da sua morte.

Aqui deixamos consignado o nosso Muito Obrigado ao nosso entrevistado e digno Vive-Presidente da Direcção da Casa do Algarve, sr. Dr. Maurício Monteiro por ter aquiescido à nossa solicitação.

Luís Sebastião Peres

Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Faro

CONVOCAÇÃO

Nos termos do disposto nos Estatutos deste Sindicato Nacional, convoco a Assembleia Geral ordinária a reunir no dia 14 de Outubro, pelas 20,30 horas, na Sede, Rua Francisco Barreto, 32 - 1.º, Esq.º, desta cidade, com a seguinte ordem de trabalhos:

Aprovação do Relatório e Contas da Gerência de 1958

Faltando o número legal de sócios, a Assembleia funcionará uma hora depois com qualquer número.

Faro, 28 de Setembro de 1959.

O Presidente da Assembleia Geral,

a) José Gomes Pacheco

Eleições das Juntas de Freguesia

EDITAL

Júlio Cristóvão Mealha, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Loulé:

No uso da competência que me confere o n.º 6.º do art. 79.º e de harmonia com o disposto no § 1.º do Art. 230.º do Código Administrativo, faço saber que designei o domingo dia 18 de Outubro do ano corrente, para a eleição dos vogais das juntas de freguesia deste concelho, que exercerão o seu mandato no quadriénio de 1960 a 1963. (a)

Para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

E eu, Rui Eduardo da Glória Centeno, Chefe da Secretaria o subscrevi.

Paços do Concelho, 1 de Outubro de 1959.

O Vice-Presidente da Câmara Municipal, em exercício

Júlio Cristóvão Mealha

a) Para eleição em 1959, será o quadriénio de 1960 a 1963

A afixar até 15 dias antes do domingo designado para a eleição.

Cartas ao Director

(Continuação da 1.ª página)

Digo que será 20 anos, mas talvez possa ser mais pois Loulé não tem aproveitado (em progresso urbanístico) alguns milhares de contos que muitos dos seus filhos têm ganho no estrangeiro e que empregariam na sua terra se lhes tivesse sido facilitada a aquisição de terreno para construção. E talvez um ciclo de prosperidade que ninguém sabe quanto tempo irá durar e entre tanto Faro continua a progredir com o dinheiro dos muitos louletanos que lá mandam fazer as suas casas...

Tenho ouvido dizer que em Faro não há plano de urbanização a aprovar, mas que há uma norma pré concebida de construção. Parece-me isso estranho porque as leis devem ser iguais. E se são iguais não se compreende porque Loulé não segue o exemplo de Faro. Será por falta de Homens de acção?

Seja como for, o que é certo é que devia haver mais interesse, muito mais interesse, maior pressão para que o Plano de Urbanização não continue a dormir por mais anos nas burocráticas repartições do Estado por onde tem andado, enquanto Loulé continua a dormir um sono letárgico que tanto preocupa aqueles louletanos (cujo número está infelizmente diminuindo de ano para ano) que sentem pulsar nas veias o verdadeiro amor à terra natal e a todos os problemas que lhe respectam.

Queira, sr. Director, aceitar os cumprimentos respeitosos do

Observador

///

«Novos traços» urbanísticos em Quarteira

Ex.º Sr. Director de «A Voz de Loulé»

Continua a causar sensação (entre todas as pessoas que têm tido conhecimento do facto), aquela já célebre construção que se está erguendo em Quarteira, na Rua Gil Eanes (transversal à Avenida Marginal).

E o caso não é para menos se atendermos a que desde há muitos anos parece estar posta de parte a autorização para se construir fora do alinhamento dos prédios já construídos e muito especial se a nova construção se destinar a entortar uma rua cujos prédios estejam todos alinhados.

Pois, contra toda a lógica, parece que em Quarteira se vai adoptar sistema diferente. Pelo menos é o que se depreende do novo «alinhamento» da rua em referência e que já tanto tem dado que falar naquela praia. E o mais curioso é que a Câmara de Loulé mandou embargar a obra mas a construção prossegue, naturalmente com o fundamento de que lhe foi dada autorização para isso.

Na verdade havia já uma casa desalinhada e parecia que uma nova construção seguisse o alinhamento não daquela mas dos restantes prédios, como é comum ver-se em obras semelhantes. Pois o proprietário do novo prédio iniciou a construção dum garagem para garantir o alinhamento que lhe convinha e depois disso mandou derrubar a velha casa para seguidamente começar a construção de um novo prédio. Se amanhã for construída uma nova casa a seguir à que se está erguendo, a rua terminará simplesmente em funil...

Bonito, não é? Possivelmente este meu protesto de nada servirá já, mas ao menos fico com a satisfação de o ter transmitido aos meus contemporâneos para que cada um deduz a que lhe aprouver. Aceite, sr. Director os cumprimentos do

Frequentador de Quarteira

VENDE-SE

Casa de habitação, com 9 divisões (podendo servir para 3 moradores), com forno junto e todas as dependências agrícolas, incluindo cisterna. Terra de semear e árvores de fruto, na Campina de Baixo.

Tratar com Francisco Fernando Aleixo — Sítio da Piedade—Loulé.

ARRENDAM-SE

A Quinta da Troia, situada na Campina de Cima, com grande variedade de árvores de fruto e abundância de água.

Tratar com José Lázaro dos Ramos—Loulé.

Concurso de quadras

(Continuação da 1.ª página)

JOÃO TIK); 2.º ao sr. Morais Lopes, de Portimão (psd. MONTANHEIRO); 3.º ao sr. Carlos Conde, de Lisboa (psd. TITULAR); 4.º ao sr. José António Palma Rodrigues, de Lisboa (psd. RENATO) e 5.º ao sr. José Marques Correia, de Lisboa (psd. ZE DO MAR).

Foi também atribuída uma Menção Honrosa especial para as Quadras Humorísticas à seguinte quadra, da sr.ª D. Lídia Correia Serras Pereira:

Em moça desempenhada
pregar um bom beliscão
é como sardinha assada
comida em cima do pão...

(pseudónimo: OLARILA)

As composições distinguidas foram lidas numa sessão realizada na noite de 22, na Esplanada da Junta de Turismo da Praia de Quarteira, pelos componentes do Júri e pelo sr. Armando Filhó. O poeta António Aleixo foi homenageado na figura do seu Filho, que compareceu no palco.

QUADRAS A QUE FORAM ATRIBUÍDAS MENÇÕES HONROSAS:

1.ª menção honrosa:

Caracóis amarelinhos,
meu petisco, meu manjar...
Caracóis dos meus netinhos,
cabelos de ouro a brilhar...

(psd. JOÃO TIK)

2.ª menção honrosa:

São teus olhos, mulher rara,
Passos dados a preceito,
Dum corrido que não pára
No palpitar do meu peito.

(psd. MONTANHEIRO)

3.ª menção honrosa:

Algarve, de régio posto,
Velho sultão das marés,
Quanto sol te doira o rosto.
Quanto mar te beija os pés!...

(psd. TITULAR)

4.ª menção honrosa:

Posso perder o que tenho,
Ficar c'o bolso vazio,
Mas nunca perco a vaidade
De ter nascido algarvio!

(psd. RENATO)

5.ª menção honrosa:

O mar casou-se c'oa areia,
Numa noite de luar...
Foi madrinha a lua-cheia...
O Algarve foi o altar...

(psd. ZE DO MAR)

«Jornal Feminino»

Temos recebido ultimamente esta interessante revista quinzenal «da mulher para a mulher», de que é directora e proprietária a sr.ª D. Elisa de Carvalho.

Bem colaborada, recheada de gravuras e focando convenientemente os acontecimentos e factos mundanos mais importantes, lê-se com muito interesse e agrado.

Felicitações e vamos permutar. Tem a sua redacção e administração na Rua D. João IV, 904—Telef. 30796 — Porto.

x-x-x-x-x-x-x-x-x-x



Agradecimento

A família de Lucinda das Dóres Brito, no receio de, por desconhecimento de moradas ou por qualquer outro motivo, ter cometido alguma involuntária omissão nos seus agradecimentos, vem por este meio manifestar o seu reconhecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-la à sua última morada, e às que por qualquer forma exteriorizaram os seus sentimentos de pesar.



Mesmo pelo telefone (216)

V. Ex.ª pode encomendar a

GRÁFICA LOULETANA

Todos os impressos de que necessite, na certeza

DE QUE SERÃO EXECUTADOS COM

PERFEIÇÃO — ECONOMIA — BOM GOSTO

Nossa Senhora da Piedade

No alto do monte em Sua capelinha,
A doce Mãe de Deus, Nossa Senhora,
E' de Loulé a asa protectora,
A fada benfazeja ou a madrinha.

E' a Mãe Soberana! a lúdima Rainha
Dum povo entusiasta, que A adora
Nas horas de tristeza, quando chora,
Mais'inda em festa, rindo, A acarinha.

Ela inundou de luz aquele monte
Em mensagem de Amor e esperança
A consolar os tristes e os aflitos;

E os crentes vão subindo àquela Fonte!
— E' ingreme a ladeira mas não cansa,
No manancial de fé os olhos fitos...

Boliqueime, 1959

ANTÓNIO DIAS PEREIRA

A Jornada de Coimbra!

(Continuação da 1.ª página)

Passando em revista os acontecimentos e actos realizados pelo Ministério das Corporações, entrou, depois, a enumerar os novos planos de realizações a levar a efeito, ao novo ano de luta e de combate que agora vai iniciar-se.

Do plano de trabalho a realizar, o ilustre titular das Corporações, afirmou: «A situação dos trabalhadores agrícolas não será esquecida. Estender-se-á a rede das Casas do Povo e suas Federações, pois o Governo mantém-se fiel à ideia de fomentar a defesa social dos rurais, lançando mão dos princípios e das instituições de raiz corporativa».

Mais adiante, o sr. Dr. Velga de Macedo diz: «Se sabemos o que queremos e se queremos apenas o bem-estar de todos e a grandeza da Pátria, porque havíamos de desistir ou de perder a Fé?»

Desistir? Quando se vive uma hora alta da Organização Corporativa em que, a Nação verdadeiramente integrada no Sistema Corporativo de Salazar, aguarda com espírito confiante, no pleno desenvolvimento da unidade nacional, a consagração de tantas lutas e sacrifícios?

Perder a Fé, quando se espera um porvir cheio de Paz e de Justiça; quando tanto caminho andado em busca da prosperidade económica dos que trabalham? Desistir, perder a Fé, quando, em ritmo progressivo se facultam a todos os portugueses livre acesso aos benefícios da civilização, promovendo a realização da justiça e a protecção da família e a dignificação do Trabalho?

Prosseguir! é a palavra de ordem neste 26.º Aniversário da «Carta Magna do Trabalhador»!

Prosseguir, mesmo contra todos esses teóricos que, com a sua costurada teimosia e falta de compreensão, não querem admitir da intensidade do esforço dispendido para alcançar tão reais e benéficos resultados.

Caminhar! — mesmo contra os que negam às Corporações qualquer parcela de poder económico, por menor que seja.

Temos de levar por diante a REVOLUÇÃO CORPORATIVA, assim o impõem motivos de ordem nacional.

Em frente SENHOR MINISTRO! Honra lhe seja!

Luís Sebastião Peres

ESQUENTADOR

A petróleo, modelo Vaccum, vende-se.
Nesta redacção se informa.

Pneu de furgoneta

Perdeu-se um pneu 600/18. Será gratificado quem o entregar a José Felizardo Viegas — Quarteira.

Consumo da alfarroba

(Continuação da 1.ª página)

ção no prego (na triturada há que descontar o valor dos carcos) não sei de outras vantagens que possam advir desta ou daquela variante; a alfarroba inteira, uma vez que não tenha contra-indicações, oferece a vantagem da pureza e da isenção de bolores, o que deserto não sucede com a triturada, quando o comerciante não é devidamente honesto, pois com facilidade pode adulterá-la adicionando-lhe um pouco de água, a fim de a tornar mais pesada, o que, aliás, não parece ser caso virgem.

Outra espécie de animais que tenho tratado com alfarroba, e da qual se pode dizer que o resultado é surpreendente, verifica-se no gado empolgado — porcos e marranos. Costumo comprar este gado pelos princípios de Maio, de cada ano, e escolho animais de quatro a cinco meses, cujo peso varia entre vinte e cinco quilos. Decorridos que sejam dois meses ou pouco mais após a aquisição, os bichos, geralmente, duplicam de peso e de tamanho, dando todos os sinais dum crescimento evolutivo e sadio — bom pelo e desembarago no andar — não tendo outro tratamento que não seja a alfarroba à discreção e uma ração diária de sementes; mais tarde, com a colheita do tremço, adiciona-se-lhe uma ou duas rações deste produto, ficando os últimos dois meses do ciclo alimentar reservados à bolota do montado. Por volta do Natal, dá-se a matança, verificando-se que quem responde pelos cento e vinte quilos, mais ou menos, atingidos pelos suínos é, em primeira mão, a alfarroba, cuja quantidade depende sempre da capacidade de consumo que os animais revelam.

Creio, deste modo, ter respondido ao inquérito levantado pela «Casa do Algarve», em Lisboa, em cuja Direcção, prepondera um grupo de algarvios cheios de fé e boa vontade, que tudo têm feito para dar à sua província o ressurgimento de que ela carece, em contraste com outros que, neste rincão, a sugam em proveito próprio, com manifesto desprezo pela vida do seu semelhante.

J. G. Pereira

(do «Diário do Alentejo»)

PROPRIEDADES RÚSTICAS NOS ARREDORES DE LOULÉ

VENDEM-SE OU ARRENDAM-SE

VALE D'ASNOS (Sítio das Portas do Céu). Terras de semear, figueiras, amendoeiras, oliveiras e monte.

CHABOUÇO (Sítio da Fonte d'Apra). Terras de semear, figueiras, amendoeiras, olival e alfarrobeiras.

AMENDOEIRA (Sítio da Amendoeira). Terras de mato e alfarrobeiras.

Área: 4,5 ha.
PROPOSTAS: a Fernando Moura Soares — Rua António Ferreira, 16-1.º, Dt.º — Lisboa-5.

TERRENO

para construções

VENDE-SE terreno para construções, na Avenida José da Costa Mealha.

Informa este jornal.

Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Outubro:

Em 2, o sr. Carlos Martins Gomes.

Em 4, a sr.^a D. Maria Diogo da Conceição, que completou 90 anos ainda com perfeita lucidez.

Em 9, as sr.^{as} D. Alda Maria Guerreiro Matias e D. Delmira Guerreiro Correia.

Em 10, o sr. António de Sousa Salgadinho e o menino João Paulo Viegas Aleixo e a menina Isabel Maria da Silva Pissarra.

Em 11, a menina Ana Maria da Silva Vassalo Miranda.

Em 12, as meninas Dina Maria Chumbinho Guerreiro e Berta Ramos Melenas.

Em 13, a menina Milita Maria Guerreiro Correia.

Em 15, as sr.^{as} D. Maria do Carmo Costa Mendonça e D. Vitória Vicente Duarte e a menina Juliana de Guadalupe Morgado da Silva.

Em 16, as meninas Ilídia Vicente do Nascimento, residente em Boliqueime e Edviges Guerreiro Modesto e o sr. Sebastião Marques Carrusca.

Em 17, o sr. Amândio Augusto da Piedade Mata e o menino Joaquim José Vasques da Franca Leal.

Em 18, a sr.^a D. Maria Luísa dos S. Sousa e D. Maria Genoveva Viegas de Sousa Lopes e a menina Elza Maria Matos Lima Rocheta.

Em 19, as meninas Ana Paula Filho de Oliveira e Sousa e Magda Maria de Sousa Gema.

Em 20, os srs. Dr. Armando Rocheta Cassiano, Vitor Mendonça Viegas e a sr.^a D. Maria Francisca dos Santos Cavaco.

PARTIDAS E CHEGADAS

— Teve a gentileza de vir à nossa redacção apresentar cumprimentos o Sargento-ajudante sr. Eduardo Gomes, subchefe da Banda do R. I. 16, em Évora, que se fazia acompanhar do nosso prezado amigo e assinante sr. Mariano Guerreiro Domingues, 1.º Sargento do R. I. 16 e regente da Filarmónica União Marçal Pacheco.

— Esteve nesta redacção a sr.^a D. Francisca Rosa Guerreiro, nossa estimada assinante em Lisboa, que passou alguns dias em Loulé.

— Regressou de Africa, onde passou uma temporada de visita a sua família, o nosso estimado assinante em Grandola, sr. Francisco de Brito Barracha, conceituado industrial naquela vila alentejana.

— Estiveram em Loulé as meninas Zélia Mariano Guerreiro e Maria José Renda Guerreiro.

— De visita à terra natal esteve alguns dias em Loulé a nossa estimada assinante em Lisboa sr.^a D. Maria Joaquina Barracha Mariano.

— Na companhia de sua esposa, a nossa conterrânea sr.^a D. Maria Odete da Costa Fernandes Caeiro, esteve alguns dias em Loulé o nosso prezado assinante sr. Arnaldo José Caeiro, funcionário da Câmara Municipal de Moura.

— Após ter passado alguns dias em Loulé, regressou a Messejana, onde é professora oficial, a nossa conterrânea sr.^a D. Maria Antonieta da Costa Fernandes.

PEDIDO DE CASAMENTO

Pelo sr. Major Daniel Neves de Salles Grade e sua esposa sr.^a D. Maria de Lourdes da Cunha de Carvalho e Melo Salles Grade, foi pedida em casamento, para seu filho sr. Eurico António Carvalho e Melo Salles Grade, a menina Maria Clementina Leal Marques, prezada filha do nosso estimado amigo e assinante sr. Sebastião Rodrigues Marques e de sua esposa sr.^a D. Clementina Careto Leal Marques.

O enlace deve realizar-se no fim do corrente ano.

CASAMENTO

Na Igreja Paroquial de Querença realizou-se há dias o enlace matrimonial da sr.^a D. Maria da Conceição de Sousa Guerreiro, prezada filha do sr. Manuel Mendes Guerreiro, proprietário, e da sr.^a D. Maria Francisca Guerreiro, residentes no sítio da Adega (Querença), com o sr. Manuel Gonçalves Matias, filho do sr. Manuel Rodrigues Matias e da sr.^a D. Antónia Costa Gonçalves, residentes no sítio do Carvalhal (Loulé).

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, sua irmã sr.^a D. Maria Guerreiro Mendes e a sr.^a D. Maria José Ramos Louro e por parte do noivo seu tio sr. Augusto Costa Gonçalves e o sr. Manuel Guerreiro Costa, nossos estimados assinantes.

Após a cerimónia, foi servido em casa dos pais da noiva um abundante «copo de água» aos numerosos convidados.

Ao jovem casal e a suas famílias, endereçamos os nossos parabéns e os nossos votos de feliz vida conjugal.

Concurso de quadras em Quarteira

Quadras soltas

APRESENTADAS EXTRA-CONCURSO

Este ano as nossas festas tiveram certo requinte, mas também não admira... Andaram a «cento e vinte»!!!

Nas noites da Esplanada não houve deficiências, houve bailes, mascaradas e... até houve conferências!

Há aqui uns companheiros que quando há certos «festins», as escondidas dos bombeiros, vão espreitar aos camarins.

Gostaria de saber quem te ensinou a nadar. — Foi um homem «a valer», Ou um «petzinho do mar»?

R. C.

JOGOS FLORAIS DA PRAIA de Armação de Pera

Revestiram-se de excepcional brilhantismo os Jogos Florais realizados no passado dia 17 de Setembro, na Praia de Armação de Pera uma das mais belas do sul do país.

No seu magnífico e moderno Casino, que se encontrava repleto, viam-se as mais distintas famílias do Algarve e de todos os pontos do país, além de vários estrangeiros que ainda ali continuam disfrutando os encantos das amorosas praias do Algarve.

O júri, constituído pelos consagrados poetas Ramiro Guedes e Campos, que presidiu, o sr. Major Mateus Martins Moreno, presidente da Casa do Algarve, em Lisboa) José de Moura Lapa (1.º Prémio do grande concurso para a letra do Hino das Forças Aéreas), Vitor Castela, Alberto Marques da Silva e Hermenegildo Neves Franco (Presidente da Comissão de Turismo e Propaganda da Casa do Algarve), depois de muirosa apreciação de mais de 700 trabalhos atribuiu 25 das melhores produções, que devido à sua extensão não nos é possível publicar, assim a como a longa lista dos concorrentes premiados.

Felicitemos a Junta de Turismo de Armação de Pera pelo êxito alcançado com esta interessante festa que promoveu no seu Casino.

Para bons trabalhos
TIPOGRÁFICOS
PREFIRA A
Gráfica Louletana
ECONOMIA PERFEIÇÃO RAPIDEZ
TELEFONE 216
LOULÉ

Ultramar Português

TIMOR e o sândalo

O sândalo foi uma das grandes riquezas de Timor. Depois dele, só um produto do seu sub-solo, o petróleo, ofereceu aos homens que à sua exploração se têm dedicado — embora sem êxito e quando já esgotada essa essência florestal — maior soma de cuidados e esperanças no campo dos negócios e especulações comerciais.

Poderíamos afirmar sem receio de exagero, que o sândalo deu a Timor, durante séculos e enquanto outra riqueza não surgiu — mas esta já como fruto da nossa acção colonizadora — o café, o seu nome, a sua fama, o aparecimento dos seus primeiros exploradores e comerciantes dos seus missionários colonos e soldados, tendo Malaca por ponto de partida e de regresso dos barcos que à ilha iam em busca dessa essência, que era distribuída depois pelo sul da Ásia, mas pela China principalmente. Malaca foi, assim, por largos anos e depois da sua conquista — embora em Sólór e Flores (Larantuka) se tivessem fixado pouco depois as primeiras ordens religiosas e os primeiros elementos de defesa do nosso domínio e expansão — a base de todo o comércio que então se fazia ao sul do Equador, tendo a sua queda repercussões funestas nas nossas possessões dos mares do Sul.

O sândalo de Timor não encontrou nunca, devido à intensidade do seu aroma e brilho das suas cores, rival no Oriente. E nem eu sei, se essas qualidades que o distinguem e tornam procurado nos mercados — apesar do seu mais alto preço — têm origem na natureza do terreno onde se desenvolve, se do clima, ou ainda dos dois elementos combinados.

Só o sândalo de Sólór se assemelhava ao de Timor. Mas esse, dada a pequenez da ilha, em breve as primeiras ordens religiosas que ali se estabeleceram o esgotaram explorando-o intensamente pois ele era então elemento precioso de permuta e moeda excecidente, a única por vezes, em transações comerciais. Já não tinha características tão acentuadas como o de Timor o sândalo, pouco abundante embora, das ilhas limitrofes, Flores, Alór, Pantar, Quisser, Lomblém, etc e muito menos ainda as possuíam o das grandes ilhas de Sonda mais próximas do continente asiático, sendo, como creio, de inferior qualidade também, por falta de aroma e cores que distinguem o de Timor, do sândalo africano.

A exportação do sândalo em Timor há muito que está em franco declínio.

Em vez de montanhas de toros que se acumulavam outrora no cais de Dili aguardando os navios da K. L. M. para os transportar a Makassar, há agora ali uns míseros picos (1), restos dessa rica essência, já com pouco valor comercial, pois são em grande parte compostos por raízes e troncos de reduzidas dimensões, e não poucos com defeitos.

Há regiões em Timor onde o sândalo desapareceu já. Além dos seus inimigos tradicionais — gados, incêndios e culturas indígenas — a sua exploração esteve sujeita, durante séculos, a processos bárbaros. E como sempre e em tudo — essa exploração nefasta ampliava-se com a sua procura e preço nos mercados do Oriente.

A baixa exportação do sândalo só alarmou o Governo após a pacificação da ilha, terminada em 1900 pelo governador Celestino da Silva. As medidas drásticas que esse homem toma, embora retardem a crise, já não curam.

Pomar novo VENDE-SE

Com área de 5.000 m.2 com abundância de água. Lindo local próximo da vila.

Nesta redacção se informa.

os males que de longe vinham. Só a pacificação tornou conhecida a extensão do desastre. Até aí, em reinos rebeldes ou de duvidosa fidelidade à nossa soberania, quem poderia conhecê-lo?

O sândalo, que devia ser já então, como riqueza florestal, propriedade do Estado, acatando o orientando este a sua exploração, não o era. As terras, segundo o nosso regime nessa época pertenciam aos *dato* (régulos e chefes), e eram eles, portanto, os senhores dessa riqueza esponsânea. Mais avisados do que nós foram os holandeses, nossos vizinhos então, em seus domínios consideraram como sua a riqueza florestal; e o corte do sândalo só era determinado pelas autoridades administrativas quando as árvores atingissem o seu máximo desenvolvimento.

O timorense tinha, pois, inteira liberdade para explorar o sândalo. O governo contentava-se apenas em cobrar na alfândega os encargos indicados na pauta da exportação, e só aí, ele aparecia como senhor. Mas a liberdade de corte do sândalo tinha, nos reinos indígenas, formalidades que usos e costumes e o regime de propriedade impunham. A terra era, como dissemos, dos *dato*; e o povo, para a explorar e cultivar, tinha de pagar áqueles, como primeiros senhores, o *Rai-Teem*, da *Rai-terra* e *Teem-imposto*.

Apesar das medidas tomadas — ou aconselhadas — para a regeneração do sândalo pelo eng.^o silvicultor Rui Cinati nos seus estudos sobre a flora timorense, nunca mais essa essência alcançará na ilha o seu passado esplendor. A sua tendência é mais para o aniquilamento do que para a recuperação. Afastem-se das regiões onde o sândalo era abundante os seus quatro tradicionais inimigos, gados, incêndios, culturas e catarras *arboricida* do timorense, e talvez alguma coisa possamos esperar das forças prodigiosas da natureza. Do esforço do homem apenas, neste caso, poucos colheremos.

Há cinquenta anos que Timor, onde vivi um quarto de século nos interessa profundamente. Assisto, a distância, ao desaparecimento das suas riquezas naturais — sândalo, cera e até madeiras das florestas que se derrubaram e queimaram — sem que do seu sub-solo — que uns dizem rico outros pobre — novos produtos, como o petróleo, venham substituir, para equilíbrio do orçamento e progresso da província, aqueles que desapareceram. A economia de Timor vive presa ao café, que é hoje a mais intensa e valorizada cultura da ilha. Há que intensificar ainda mais essa cultura, como também a do coqueiro e outras, pois só produzindo e exportando poderemos singrar. Mas antes, há que levantar o moral e a fé no espírito do povo timorense abalados pela ocupação nipônica, e rever toda a política administrativa da província, dando-lhe funcionalismo que esteja à altura da sua missão, que é grande e delicada.

Coimbra, 27-4-59.

Cap. J. Simões Martinho

(1) *Pico (do inglês Pical)* — 26 quilos

Coltaco

Cola a frio para pavimentação a tacos de madeira e cortiça. A cola que conserva o taco e evita a humidade. A preferida pelos parqueadores e nas obras do Estado.

Um produto da
FÁBRICA MÓRA FÉRIA
Representante em LOULÉ

José Vicente Mendonça
Rua do Matadouro, 8

Enquanto...

Enquanto um sem número de portugueses, sem distinção de categorias, cuspir e escarrar para o solo, sem o mínimo respeito pela educação nem pelo perigo que oferece o seu exemplo, há razão mais do que suficiente para que prossigam as nossas campanhas e para que continuemos a incitar todas as pessoas de boa vontade a não nos recusarem o valioso apoio moral e material da sua colaboração.

É realmente necessário que os hábitos de tão elementar higiene como o de não cuspir ou escarrar para o solo se imponham em todo o país. Mas não há dúvida de que a forma mais salutar da imposição é dada pelo exemplo. E, neste campo, o das pessoas mais cultas e de maior responsabilidade moral e social é, certamente de grande merecimento.

O exemplo do professor não pode deixar de ter benéfica influência nos seus educandos e imagine-se o que pode resultar do facto de à frente de cada escola do país haver um devoto esclarecedor das elementares regras da higiene. E se o médico, o padre, o farmacêutico, o engenheiro, o deputado, o oficial do exército, o governador, o Presidente da Câmara Municipal, o funcionalismo público, municipal, administrativo e judicial e os elementos de todas as forças armadas agirem, do mesmo modo, que belo exemplo não se daria ao país! E que, na verdade, quanto mais elevada é a posição social do indivíduo tanto maior é a validade do seu exemplo! Os deslizes ou os desleixos de um simplório podem por vezes ter cristã desculpa, mas um cavalheiro ou o simples cidadão tem o dever moral de dar o exemplo da ordem, da disciplina, do respeito e do amor pelos superiores interesses da Nação.

L. P. P. S.

Incêndio em QUARTEIRA

Numa casa de colmo, no sítio dos Cavacos (Quarteira) registou-se há dias um violento incêndio que reduziu à extrema miséria um pobre casal que vivia modestamente numa daquelas cabanas que servem de abrigo aos que não podem ter melhor habitação.

O incêndio foi provocado pela chama que pegou ao azeite em que a pobre mulher fritava peixe e propagou-se com tão fulminante rapidez que ela mal teve tempo de fugir com um filho e o marido para a rua onde, com os olhos raios de lágrimas, assistiram à destruição de todos os bens que possuíam naquela pobre casa, que era o seu bem arrumado e cuidado lar.

Tudo o que possuíam, incluindo algumas roupas compradas na feira, horas antes, e um pecúlio de 3.000\$00 que os ajudariam a passar o inverno, ficou reduzido a um pequeno monte de destroços.

Ela, amiga da sua casa e ele pescador, e os 7 filhos que Deus lhes deu, viram-se assim, em poucos minutos, sem terem onde se acolher, o que felizmente não passou despercebido a numerosas pessoas de Quarteira e veraneantes que logo no dia seguinte procuraram ajudar o infeliz casal.

Sabemos que as autoridades tomaram conta do caso e até se propõem oferecer uma modesta casa, desde que possam contar com a colaboração de generosos corações que queiram contribuir com o que estiver ao seu alcance.

Daqui apelamos para os nossos leitores que estiveram em condições de o fazer, quer com ajudas em dinheiro, roupas ou utensílios caseiros.

Benafim Grande EM FESTA

Nos próximos dias 23 e 24 do corrente realizar-se-ão na ridente aldeia de Benafim Grande (Alte) as tradicionais festas em honra de Nossa Senhora da Glória e de Nossa Senhora da Piedade, as quais coincidem com a Feira Anual, o que de certo modo muito contribui para maior brilhantismo e animação das festas, que incluem numerosos divertimentos.

PASTAGEM

Arrenda-se na Quinta da Passagem, Querença, com grande variedade de bolotas, landes, água e todas as comodidades para gado suíno.

Tratar com José Teixeira de Sousa — Monte das Figueiras de Baixo — Querença.



Ciclismo em Loulé

Incluído no programa de festas do ESTEVAL-Almancil, e com organização do Sporting Clube Farense, realizou-se no passado dia 28 o Circuito para Independentes que além da inscrição de vários corredores algarvios, teve a presença de José Firmino, (Individual) e de Artur Carreira, do C. F. «Os Belenenses».

Inscreveram-se 14 corredores e a prova foi muito bem disputada, como o demonstra a média do vencedor 38,280 Km. hora.

A classificação foi a seguinte:
1.º — Virgílio José Nunes, do Ginásio, 2 horas 32 minutos e 15 segundos; 2.º — Sérgio Páscoa, Idem, 2 h. 44 m. 30 s.; 3.º — José Firmino (Individual); 4.º — Artur Carreira (Belenenses); 5.º — Manuel Perna Coelho (Loulétano); 6.º — Inácio Ramos (Farense); 7.º — António Romeira, 8.º — Jorge Corvo; 9.º — Victor Lourenço; 10.º — Alcide Neto; 11.º — João Bárbara e 12.º — Hermínio Correia, todos do Ginásio e com o mesmo tempo do 2.º classificado; 13.º — ficou José António Correia do Louletano com 2 h. 44 m. 45 s.

Desistiu por queda, na vila de Loulé, o ciclista Valério Clara.

Virgílio Nunes ganhou ainda o prémio das Quatro Estradas, oferta do Sr. José Rocheta.

Vencedores das 3 voltas:
1.º Sérgio Páscoa em 36 minutos; 2.º José Firmino em 38 minutos e 3.º Virgílio José Nunes, em 39 minutos.

Na prova para «Populares» (30 voltas) registaram-se as seguintes classificações:

1.º — Francisco José Miguel; 2.º — Joaquim Perna Coelho; 3.º — Florival dos Santos, todos do Louletano.

Na prova «Amadores», classificaram-se:

Em 1.º — Victor Tenasinha, Louletano; 2.º — José Gonçalves, Louletano; 3.º — Victor Amaro, Ginásio; e 4.º — José Pedro Cavaco, Ginásio.

PARA «INDEPENDENTES»

Prova de Eliminação — 1.º José Firmino, 2.º Artur Carreira do Belenenses.

80 voltas em linha:
1.º — Artur Carreira, Belenenses; 2.º — José Firmino, Individual; 3.º — Valério Clara, Louletano; 4.º — Manuel Perna Coelho, Louletano e 5.º — Inácio Ramos, S. C. Farense.

Registadora

VENDE SE uma máquina registadora «National», em estado nova.

Nesta redacção se informa.

Concurso de Filarmónicas

(Continuação da 1.ª página)

— se durante os meses de Outubro, Novembro e Dezembro do ano corrente, estando marcadas para a Primavera de 1960 as 2.ª e 3.ª eliminatórias.

Os agrupamentos musicais interessados no certame, poderão inscrever-se em três categorias, a que correspondem três prémios em dinheiro, a saber:

1.ª categoria: 1.º prémio — 25.000\$00; 2.º 10.000\$00; 3.º 5.000\$00;

2.ª categoria: 1.º prémio — 15.000\$00; 2.º 8.000\$00; 3.º 4.000\$00;

3.ª categoria: 1.º prémio — 10.000\$00; 2.º 5.000\$00; 3.º 2.500\$00.

A F. N. A. T. criou ainda o Grande Prémio Nacional, de 20.000\$00, que poderá ser atribuído a qualquer dos primeiros premiados das três categorias. Distribuir-se-ão também pelos concorrentes taças, diplomas e outros galardões.

Para a inscrição, que é grátis, torna-se necessário adquirir boletins especiais fornecidos pela F. N. A. T. Este Organismo prestará, a quem lhes pedir, todos os esclarecimentos necessários sobre o Concurso de Filarmónicas e Bandas Cívicas. Bastará, por isso, escrever um simples postal para a F. N. A. T., na Calçada de Santana, 180—Lisboa.

Estação Meteorológica de QUARTEIRA

Temperaturas médias durante a 2.ª quinzena do mês de Setembro:

Do ar, máxima, 21,9; mínima, 15,5; Água do mar, 21,6.



KNITAX

a MÁQUINA DE TRICOTAR de fama mundial e a única premiada com MEDALHA DE OURO

Sem peso nem réguas; o trabalho não encolhe nem deforma; assenta em qualquer móvel; executa canelados, ponto inglês e ponto pérola sem chapa dupla, ficando o trabalho sempre à vista.

Trabalha a cores sem lãs pelo avesso

Faz duas ou mais peças ao mesmo tempo.

Tem 10 gradações para qualquer fio de lã, seda.

algodão, rafia, fios metálicos, nylon, etc., etc.

TRES MODELOS DISTINTOS

A prestações mensais, desde 78\$00

AGENTE CENTRAL:

JOSÉ DA COSTA MARIANO

Avenida José da Costa Mealha, 148

LOULÉ